

---

**Periferia digital: racismo moderno, algoritmos e as narrativas negras na internet<sup>1</sup>**

**Ana Carolina Moraes dos Santos<sup>2</sup>**  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

**Juarez Tadeu de Paula Xavier<sup>3</sup>**  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

**Resumo**

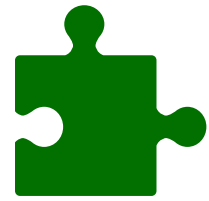
Ao passo em que a internet e os equipamentos digitais se popularizam, mais pessoas têm acesso às novas plataformas para construir narrativas sociais. Os jovens afrodescendentes, por exemplo, contemplados por políticas públicas como os Pontos de Cultura e o programa Acessa SP, no estado de São Paulo, puderam compreender o funcionamento de tais ferramentas. Ao se apropriarem da técnica, esses instrumentos se tornaram um exoesqueleto digital, uma “armadura” capaz de potencializar suas vozes, ações e narrativas, criando conteúdos reais sobre a vida na periferia e o genocídio da população negra (XAVIER, 2016). Na prática, para quem sai do “silêncio virtual” para alcançar milhares de pessoas por meio de portais de notícias que valorizam as informações sobre população negra, a audiência das publicações parece ser gigantesca. Entretanto, ao analisar as performances dos conteúdos afrodescendentes nas redes, percebe-se que o resultado pode ser uma fabulação. Isso porque as microagressões raciais atuam de forma a conter a abrangência das publicações afrodescendentes por meio do racismo algorítmico (SILVA, 2019). Como exemplos dessa prática, existe a marcação com “conteúdo sensível” para vídeos que abordam assuntos referentes à raça e racismo em uma plataforma de vídeos e, por consequência, prejudicam a distribuição e monetização dos produtos audiovisuais; há também um estudo que indica o direcionamento de anúncios e mensagens por meio da associação racial de nomes em sites de buscas – quando a procura se refere a um nome comum entre pessoas negras, as sugestões indicam palavras como “preso/ prisão” ou “detenção” (SWEENEY, 2013). Ainda que as redes digitais e os aparatos tecnológicos tenham criado outras formas de expressão, quando se fala raça e internet é possível observar uma a formação de uma periferia digital, composta por negros e negras que são produtores de conteúdo na internet e por usuários negros que, por vezes, encontram dificuldade em acessar materiais que abordam temáticas raciais. Amparado pelo discurso supremacista branco, o racismo moderno encontrou mais um meio de manifestação – além das práticas metodológicas no meio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 3 (Redes Sociais e Ativismo Midiático) do XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã, de 24 e 25 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa (NeoCriativa) da Universidade Estadual Paulista - UNESP. E-mail: [ncarolina.moraes@gmail.com](mailto:ncarolina.moraes@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor Doutor no curso de Jornalismo da FAAC e assessor da Pró-Reitoria de Extensão Universidade Estadual Paulista - UNESP. E-mail: [juarez.xavier@unesp.br](mailto:juarez.xavier@unesp.br).



acadêmico, das ruas e guetos (WEST), as redes sociais se transformaram em um canal que reproduz estereótipos racistas sobre corpos, cultura e produção intelectual negra, ao mesmo tempo que invisibiliza as bionarrativas<sup>4</sup> afrodescendentes difundidas na web. Com o objetivo de entender como racismo moderno e os algoritmos influenciam a navegação pela internet, este trabalho analisa dois casos que suscitam o debate sobre políticas para produção negra na internet: o baixo engajamento dos vídeos de uma *youtuber* quando aborda racismo em seu canal e os comentários racistas em um portal de notícias que veicula reportagens sobre a população negra no Brasil. O estudo sugere que, para que se possa falar em exoesqueleto digital – apropriação da técnica e ferramentas digitais para potencializar vozes e ações negras – é preciso desenvolver um ambiente no qual as ideias supremacistas brancas não sejam toleradas.

### **Palavras-chave**

Internet, racismo moderno, exoesqueleto digital afrodescendente, comunicação.

### **Referências bibliográficas**

SANTOS, Milton. Por outra globalização: do pensamento único ao pensamento universal. – São Paulo: Editora Record, 2000.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. Publicado em 30/06/2019. Disponível em <<https://tarciziosilva.com.br/blog/tag/algoritmos/?fbclid=IwAR18tje3bBHbhtCaef4ILZ0PCSJRp9u3UoPWzvm1c0RFiJM-PgDq1KnLmjo>>. Acesso em 12/08/2019.

SILVA, Tarcízio. BUCKSTEGGE, Jaqueline. ROGEDO, Pedro. Estudando Cultura e Comunicação com mídias sociais. – Brasília: IBPAD, 2018.

SWEENEY, Latanya. Discrimination in Online Ad Delivery. Communications of the ACM, Vol. 56 No. 5, Pages 44-54. 2013. Disponível em <<https://dataprivacylab.org/projects/onlineads/>>. Acesso em 12/08/2019.

WEST, Cornel. WEST, Cornel. Genealogy of modern racism. In: Prophecy deliverance! An afroamerican revolutionary Christianity. Westminster John Knox Press: Louisville, KY; London, 2002. p.47-65. Tradução de Luiz Felipe M. . Disponível em <https://luizcandido.files.wordpress.com/2015/09/genealogia-do-racismo-moderno-cornel-west.pdf>. Acesso em 12/08/2019.

XAVIER, Juarez. Exoesqueleto Digital Afrodescendente. In: Alma Preta. Publicado em 18/05/2016. Disponível em <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/exoesqueleto-digital-afrodescendente-parte-1>> e <<https://www.almapreta.com/rss/blog/exoesqueleto-digital-afrodescendente-parte-2>>. Acesso em 27/05/2019.

---

<sup>4</sup> Conceito elaborado pelo Prof. Dr. Juarez Xavier, baseado nos estudos de Muniz Sodré, que se refere à narrativa da vida, ou seja, narrativas construídas pelos sujeitos que a vivenciam a realidade retratada, que criam perspectiva para o futuro.